

## **CONTESTADO E REVOLUÇÃO FEDERALISTA NO MUSEU CEL. DAVID CARNEIRO: FORMAS DISTINTAS DE MEDIAR AS MEMÓRIAS.**

LUIZ CARLOS DA SILVA<sup>1</sup>

### **Introdução**

David Carneiro fez parte daquele grupo de historiadores que, embora formados em outras áreas, se dedicaram com afinco às pesquisas históricas e ganharam respeito nessa empreitada. E no caso de nosso personagem há ainda outro resultado de sua dedicação à História: o Museu Cel. David Carneiro, batizado com o nome de seu pai.

David Antonio da Silva Carneiro (1904 – 1990), filho de militar, seguiu por um tempo a carreira do pai, abandonando-a após a morte de um amigo, Newton Prado, no fato conhecido como “18 do Forte de Copacabana” em 5 de julho de 1922. Retornando a Curitiba, formou-se em Engenharia em 1928 na Universidade do Paraná. A partir de 1929 passou a escrever vasta obra, tornando-se um dos maiores pesquisadores paranaenses sobre a Revolução Federalista. Em 1943 David Carneiro deixou de lado os negócios da família (empresa ervateira) e se dedicou mais ainda à sua produção intelectual, da qual faziam parte também a poesia, crônica, ensaio, biografia e jornalismo. Também foi professor de “Arquitetura Analítica” na Escola de Música e Belas Artes do Paraná (1949-1953); professor de Economia na UFPR (1951-1969); professor de História na UNB (1965). Na época do centenário de emancipação política do estado e da inauguração da sede definitiva de seu museu (1953), ocupava também o cargo de presidente do Centro de Letras do Paraná (1952-1954).

Fundado em 1928, o museu contava com objetos adquiridos desde a infância de David Carneiro, como uma coleção de moedas doadas por seu avô (de quem herdou o nome). De seu pai, após uma estada deste na Europa em 1924, ganhou uma coleção de condecorações e medalhas militares além de objetos mais raros como consta numa carta enviada de Ostende, na Bélgica. Entre estes estavam espadas, punhais, espadim, lança granada e granada de avião (CATÁLOGO, 1940: p. 21; CORREIO DE NOTÍCIAS, 1987: s/n; MACHADO, 2012: p. 89-90). Dizia-se que seu gosto pelo colecionismo foi

---

<sup>1</sup> UFPR. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História. Bolsista Capes. E-mail: carlos.lui226@gmail.com.

avivado também por sua passagem pela escola militar no Rio de Janeiro “onde eram conservadas preciosas relíquias históricas” (CATÁLOGO, 1940: p. 21).

A instalação do museu foi inicialmente na residência da família. Três anos depois ganhou um espaço mais adequado no mesmo endereço onde se construiria a última sede. Durante este período, como citado acima, David Carneiro se tornou referência na “história regional” do Paraná e em especial da Revolução Federalista. Em 1944, no cinquentenário do Cerco da Lapa chegou-se a criar neste município um museu sobre o tema com peças doadas pelo próprio historiador. David Carneiro, no entanto, acusou os responsáveis pelo museu de não cuidarem devidamente do acervo e exigiu a devolução da coleção outrora doada por ele. Em uma entrevista concedida a um dos mais conhecidos jornalistas da época no Paraná, Aramis Millarch (1943 – 1992), publicada em 10 de setembro de 1982, respondendo a acusações de “se apropriar dos tesouros da Lapa”, afirmou que “(...) dei à cidade o Museu. Dei, mas fui obrigado a tirar porque estavam roubando tudo (...) O museu durou de 1944 a 1952” (O ESTADO DO PARANÁ, 1982: s/n). Foi a partir desta retomada de objetos associada à construção da nova sede que o museu entrou em uma outra fase a partir de 1953<sup>2</sup>.

Apesar de promessas de políticos em dar apoio ao museu, foi o empenho de seu idealizador e de alguns amigos entusiastas de sua obra que mantiveram o lugar funcionando por décadas. No entanto a instituição deu mostras de estar definhando em 1979, quando a primeira coleção de moedas (adquiridas ainda na década de 1920) teve que ser vendida para saldar dívidas. A partir de 1980, outra dívida, desta vez herdada de um de seus filhos, fez com que anos mais tarde David Carneiro entregasse o imóvel como forma de pagamento. Sem ajuda efetiva de governantes e com sua morte em 1990, quando o museu fechou as portas, muitos objetos foram vendidos de forma irregular pela família e a maior do acervo que restou está no Museu Paranaense desde 2004.

Neste artigo nos propomos a apresentar e analisar alguns fatores que ajudam a explicar as diferenças na mediação das memórias da Revolução Federalista e do Movimento do Contestado no Museu Cel. David Carneiro. Foi notória em suas dependências o amplo espaço dado ao Cerco da Lapa, episódio da Revolução Federalista, em detrimento das ocorrências relacionadas ao Contestado. Procuramos

---

<sup>2</sup> Nossa pesquisa sobre a memória do Contestado nos museus de Santa Catarina e do Paraná corresponde ao período de 1946 a 1988.

demonstrar que as explicações para estas diferenças podem ser encontradas na historiografia paranaense, na maneira pela qual David Carneiro abordou a História e nas ações oficiais que ajudaram a legitimar algumas memórias. Há que considerar também a importância e, por extensão, a influência de David Carneiro na historiografia local.

### **Heróis, armas e inconformismo.**

Em sua coluna, “Veterana Verba”, de 7 de março de 1985<sup>3</sup>, David Carneiro assim descreveu a organização de seu museu:

*Em 1953 a construção de casa própria destinada a abrigar o Museu, devia tê-lo feito entrar em sua fase final, desde que foi possível organizar a sequência evolutiva, com Independência, segundo reinado e período republicano, separados, com as peças mais valiosas que o Museu possuía de cada uma dessas fases históricas. Quando me foi possível também construir a fachada do museu para deixá-lo íntegro, fiz da entrada a exibição demonstrativa da raça brasileira miscigenada, através de peças capazes de concretamente evidenciar a predominância ou a contribuição de cada uma delas. (Gazeta do Povo; 1985: s/n)*

Era uma divisão tributária do que convencionalmente chamamos de “História do Brasil”, com seus respectivos “períodos históricos”. Tomando o acervo como um todo a história dita “nacional” estava (ou assim se presumia) representada em peças referentes à Guerra do Paraguai (1864 – 1870) ou à guerra contra o ditador argentino, Rosas (1851 – 1852), por exemplo. Mas esta organização, assim descrita, não deixava entrever duas características que foram bem marcantes no acervo de David Carneiro. A primeira e talvez a mais importante diz respeito a uma memória histórica de matriz regionalista, representada principalmente pelo Cerco da Lapa. A segunda foi seu viés militar. Como bem definiu certa vez o jornalista, Rodrigo Wolff Apolloni, era “um museu de armas e heróis” (Indústria & Comércio; 1994: p. A12).

O elemento militar tem relação com a própria formação inicial de David Carneiro bem como a de seu pai, coronel da Guarda Nacional. Mas também não deixa de ter ligação com uma historiografia que neste período analisado ainda cultuava os heróis e as grandes campanhas militares responsáveis pela “soberania nacional”, de

---

<sup>3</sup> O assunto do dia era “A evolução do Museu Cel. David Carneiro”.

influência positivista. E como pesquisador preocupado em salientar a participação local em eventos históricos de importância nacional, fez desta memória regional a característica principal de seu museu. E é com este olhar que espreita por entre coleções militares que cultuavam os heróis e as passagens históricas do Paraná que devemos analisar parte do acervo do Museu Cel. David Carneiro<sup>4</sup>.

Observando as coleções registradas no “Catálogo do Museu Coronel David Carneiro” (1940), do SPHAN, conseguimos anotar 13 objetos vinculados ao Contestado. Já a memória da Revolução Federalista foi agraciada com algo próximo de 100 objetos<sup>5</sup>. As coleções eram compostas basicamente por armas, fardamentos, espadas, espadins, condecorações, quadros, documentos e algumas peças mais simples e de uso cotidiano.

Com referência ao Contestado a maioria das peças (8) serviam à memória do Cel. João Gualberto Gomes de Sá Filho (1874 – 1912), como uma tão simples escova de dentes “que o Cel. João Gualberto Gomes de Sá trazia no bolso quando foi morto pelos fanáticos, no Iraní (Contestado)”. Três outras peças, duas bandeiras e uma “moldura toscamente esculpida”, pertenceram aos “fanáticos”. Ainda havia a Comenda oferecida pelo presidente do Paraná, Carlos Cavalcanti de Albuquerque (1864 – 1935), aos que se destacaram no Contestado, uma placa de inauguração de um trecho da Estrada de Ferro SP-RS em 1906<sup>6</sup>.



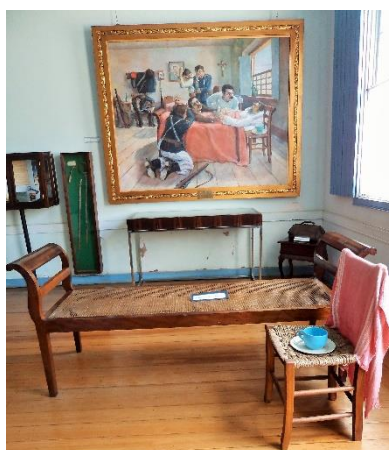
<sup>4</sup> Há muitos outros personagens lembrados nas coleções do museu e que não tem necessariamente ligação com campanhas militares tais como artistas, desbravadores (os bandeirantes curitibanos), e dezenas de políticos considerados relevantes por David Carneiro. Mas ficaremos centrados nas coleções da Revolução Federalista e das poucas peças do Movimento do Contestado que não chegam a formar uma “coleção”.

<sup>5</sup> Nem todas as peças têm o número exato citado no Catálogo. Exemplo são as “Dragonas” do fardamento militar de João Gualberto, apenas referenciado no plural e que colocamos como “uma” das 14 peças arroladas. Ou então as “abotoaduras” pertencentes ao Barão do Cerro Azul também citada como “uma” em nossa contagem em relação à Revolução Federalista.

<sup>6</sup> Havia ainda uma carta endereçada a Hercílio Pedro da Luz (1860 – 1824), político catarinense. Mas por enquanto não foi possível saber se o conteúdo se referia ao Contestado.

**Figura 1: Sala General Gomes Carneiro.**  
**Fonte: CATÁLOGO, 1940, p. 104.**

O numeroso acervo dedicado à Revolução Federalista e, em especial ao Cerco da Lapa, ocupava obviamente muitos espaços do museu. Um deles era a “Sala General Gomes Carneiro” dedicada ao personagem mais lembrado da jornada de 26 dias entre janeiro e fevereiro de 1894, Antônio Ernesto Gomes Carneiro (1846 – 1894). Armas de fogo, espadas, o lenço “manchado de sangue”, quadros e a marquesa onde teria morrido o militar estão entre os objetos da respectiva coleção<sup>7</sup>. Acrescida nas décadas seguintes de outras tantas peças ligadas ao Cerco, constituiu-se na maior coleção relacionada à Revolução Federalista no Brasil.



**Figura 2: Atual disposição, no Museu Histórico da Lapa, da marquesa e outros objetos relacionados à morte do Gal. Gomes Carneiro. Vê-se também o quadro do pintor, Theodoro de Bona, representando a morte do general.**  
**Fonte: Foto do autor.**

Em ambos os casos, Cerco da Lapa e Contestado, temos a construção do “herói”. Ambos mortos em combate defendendo causas “justas” para o Estado e para o Brasil. Gomes Carneiro morreu na “defesa da causa republicana” contra os federalistas; Gualberto sucumbiu aos “fanáticos” do Contestado em favor do Paraná na longa Questão de Limites com Santa Catarina. Tanto no Cerco entre janeiro e fevereiro de 1894 quanto no embate de 22 de outubro de 1912 as forças representadas por estes dois comandantes saíram derrotadas. Capitulação de uma, debandada de outra. Mas muito em função da maneira como as lideranças políticas locais e historiadores interpretaram o

<sup>7</sup> Os principais objetos da coleção dedicados à memória de Gomes Carneiro pertencem desde 2003 ao Museu Histórico da Lapa, PR.

resultado destes dois momentos históricos, tanto estes quanto seus respectivos heróis foram lembrados de formas distintas nas décadas seguintes. Não há como negar que a atividade intelectual de David Carneiro, incluindo-se aí a divulgação de suas ideias por meio de seu museu, ajudou a construir estas memórias em graus diversos.

Adepto ferrenho do Positivismo, David Carneiro afirmava que quem vivesse apenas para si não teria interesse em viver. Para ele a “felicidade” consistia em “viver para outrem”. “Vivendo em sociedade a ventura é dedicar-se á Família, á Pátria, á Humanidade” (CARNEIRO, 1939: p. 121 apud MACHADO, 2012: p. 34). “Na classificação das ciências de Comte, a moral é a ciência que conclui o conhecimento humano, é destinada a avaliar a ‘influência real de cada conduta sobre a existência humana, individual ou social’” (MACHADO, 2012: p. 35). Daí o valor dos “heróis” que “deram” a vida pela “pátria”. Neste julgamento positivista construíram-se memórias edificantes dos personagens que por um motivo ou outro se destacaram em jornadas invariavelmente descritas em tons épicos. E o museu era também parte desta tarefa:

*Se, segundo os pressupostos de Carneiro, o museu deveria dar glórias aos heróis do passado e contribuir para defesa do patrimônio histórico e artístico nacional: que exemplo maior teria o Paraná do que o daqueles homens que se bateram valentemente na sangrenta Revolução Federalista em defesa e honra da República de Floriano Peixoto? A partir desta concepção, Carneiro verá o Cerco da Lapa, episódio da Revolução Federalista, como objeto de investigação privilegiado. Julgará, segundo os preceitos positivistas, qual o papel histórico do conflito e qual o seu significado na trajetória da Humanidade. (MACHADO, 2012: p. 94)*

Se compararmos a longa resistência de 26 dias no Cerco da Lapa<sup>8</sup> ao lapso de pouco mais de meia hora do Combate do Irani<sup>9</sup>, no Contestado, era evidentemente mais fácil construir em relação ao Cerco uma narrativa gloriosa. Sem contar os resultados finais da Revolução Federalista e do Movimento do Contestado, distintamente avaliados

---

<sup>8</sup> Resistência legalista (Exército, Guarda Nacional, Regimento de Segurança do Paraná e voluntários) contra os federalistas vindos do Rio Grande do Sul (mas também com adeptos em SC e no PR) rumo ao Rio de Janeiro com a intenção de depor o então presidente, Floriano Peixoto. Os números de combatentes, que variam muito de acordo com as fontes, presumem um número próximo de 630 combatentes na defesa da cidade contra cerca de 3000 federalistas.

<sup>9</sup> O Combate do Irani é o nome comumente utilizado para se referir ao rápido confronto entre os 44 militares do Regimento de Segurança do Paraná (segundo boletim do Museu da PMPR de 1986), comandados por João Gualberto, e um número incerto de caboclos (algo entre 200 e 300) na localidade conhecida como Faxinal do Irani (atualmente no meio oeste catarinense), à época sob jurisdição do Paraná. Foram oficialmente 23 mortos, entre eles Gualberto e o monge José Maria, em torno do qual se reuniam os caboclos. Este enfrentamento, ocorrido em 22 de outubro de 1912, é geralmente citado como o início do Movimento do Contestado.

por toda uma gama de pensadores locais. Surgirão nuances as mais variadas sobre o papel de cada participante “ilustre”. Segundo a historiadora, Daiane Machado, em seu já citado trabalho sobre a produção intelectual de David Carneiro:

*O episódio federalista em si, para Carneiro, é um divisor de águas na história do Estado. É o primeiro movimento nacional de participação militar intensa em seu território, do qual o Paraná deve se orgulhar já que cumpriu o seu papel, pois, apesar de invadido, defendeu a República e foi parte importante para a sua manutenção. A defesa para tal concepção de Carneiro na historiografia, e que perpassa suas obras, é que a resistência dos defensores do Cerco da Lapa desestabilizou as forças revolucionárias, atrasando a investida sobre São Paulo e dando tempo para que os pica-paus se reorganizassem militarmente (...) Para David Carneiro, a Revolução Federalista é fornecedora de bons exemplos, pois em seus “heróis” os paranaenses poderiam se reconhecer enquanto membros de uma mesma coletividade. Foram eles “os defensores da recém proclamada República brasileira”. (MACHADO, 2012: pp. 97-8)*

Daí a possibilidade de, mesmo perdendo, haver orgulho na ação dos defensores da Lapa. A resistência tenaz, repleta de atos “heroicos”, que garantiu o tempo necessário para as tropas legalistas se reorganizarem, salvando desta forma a República de uma suposta derrocada.

Sob a responsabilidade do governo do Estado, em 1944, organizaram-se eventos e inaugurações de monumentos para celebrar o “heroico” Cerco da Lapa. Foi neste período que parte do acervo de David Carneiro serviu para fundar o Museu da Revolução Federalista na antiga Casa de Câmara e Cadeia da Lapa e que em 1952 seria retomado por ele, como visto na introdução. Os dias escolhidos para as festividades não foram ao acaso. Ocorreram entre 7 e 11 de fevereiro, e “simbolizavam a ‘resistência heroica’ comandada pelo general Gomes Carneiro” (MACHADO, 2012: p. 100).

De forma resumida estas foram algumas características da abordagem de David Carneiro a respeito da Revolução Federalista e que fez escola. Em seus contornos gerais a memória da Revolução e principalmente do Cerco da Lapa que encontramos em museus, monumentos e livros são tributários deste pensamento.

E é neste espaço que vamos ver com bem menos vigor a memória do Contestado. Para ser mais preciso, a memória de João Gualberto e, de maneira pejorativa, dos “fanáticos” como bem podemos observar na descrição de uma das peças do acervo. “Capacete do uniforme do exército brasileiro de 1897 que pertenceu ao Cel. João Gualberto Gomes de Sá, a primeira e mais ilustre vítima dos fanáticos do

Contestado Paranaense” (CATÁLOGO, 1940: p. 100). O “Contestado Paranaense” refere-se ao território (hoje oeste e meio oeste catarinense) sob jurisdição paranaense, onde ficava a localidade do Irani ou Faxinal do Irani como também ficou conhecido à época. Gualberto como “vítima” dos “fanáticos” foi recorrente no Catálogo, na exposição e em livros de autoria de David Carneiro. “Escova de dentes que o Cel. João Gualberto Gomes de Sá trazia no bolso quando foi morto pelos fanáticos, no Irani” (CATÁLOGO, 1940: p. 65). Um simples objeto, destes que só são “justificados” nas exposições por terem pertencidos a personagens ilustres. Prática comum nos museus históricos ainda hoje, a “fetichização do objeto na exposição” (MENEZES, 2013: p. 36).

Esta pouca expressividade do Movimento do Contestado no museu bem como a memória de João Gualberto pelo viés do herói não foi exclusiva desta instituição e nem apenas de seu proprietário. O “ambiente intelectual” no Paraná tornou-se arredio ao tema do Contestado após o Acordo de Limites assinado em 1916. Restava apenas ressaltar os supostos méritos daqueles que morreram “pela causa paranaense”.

Em seu livro “História Psicológica do Paraná”, David Carneiro deixava claro seu descontentamento com a “perda” do território. Escreveu que “todo paranaense sabe que foi espoliado de patrimônio que era seu, e que sempre foi legitimamente seu, por direito de descoberta e de conquista” (CARNEIRO, 1944, p. 87). Esta interpretação apareceu também em outros livros e documentos oficiais produzidos até então. Havia a “certeza” de que o território “sempre” pertenceu ao Paraná. Não se questionava nem se colocava em dúvida este pensamento. Portanto, neste sentido, o Acordo de 1916 “foi” um ato de espoliação das terras paranaenses. Este senso de perda permeava o discurso de políticos e a escrita dos que se propunham a pensar as questões históricas do Paraná. Seu inconformismo com esta e outras questões históricas o levava a caracterizar o paranaense como retraído e complacente e que “Tudo o que se faz ao nosso redor nós aceitamos” (CARNEIRO, 1944: p. 7). Cobrava dos locais maior ímpeto na defesa de um território historicamente conquistado por antigos “paranaenses”:

*Na sua característica complacência, achando que deveriam agradecer em humilimas reverências o que conquistaram por direito de ser livres, depois da emancipação de 1.853, os paranaenses causaram, ao seu Torrão Natal, o maior dos desserviços. Quando pediam, em lugar de impôr, desde que surgiu a questão do Contestado, solicitando e não exigindo o território que seus maiores conquistaram, davam a impressão de mendigar coisa que não lhes*



*pertencia. A audácia dos nossos vizinhos do sul produzia efeito contrário. Daí a situação que nos creamos, e que, desde 1.916, com o malfadado e criminoso acôrdo Wencesláu Brás, ficou selado com prejuizo irreparavel.” (CARNEIRO, 1944: p. 85).*

Note-se nos exemplos quando o autor diz “direito de descoberta e de conquista” e “o território que seus maiores conquistaram”. O embasamento paranaense para a legitimação do território como seu estava mais no *uti possidetis* do que em qualquer outro argumento. Afirmava-se que os desbravadores, os “bandeirantes curitibanos” é que teriam dado ao Paraná o direito de posse sobre as terras do Contestado. Neste sentido cabe aqui mencionar as noções de provinciano e provincianismo analisado por Márcia Naxara. Dentre outras características analisadas pela autora, destacamos os que dizem respeito aos “momentos originários”, aos “territórios ancestrais”, conquistados pelos seus “antepassados”:

*O argumento é importante, pois colabora para o estabelecimento de vínculos consistentes entre a noção de pioneiro e a de provinciano, de forma a encaminhar para a ideia de que os mitos de fundação que recorrem ao pioneirismo constituem ‘parte indissociável da mentalidade provinciana’. (NAXARA, 2005: p. 351)*

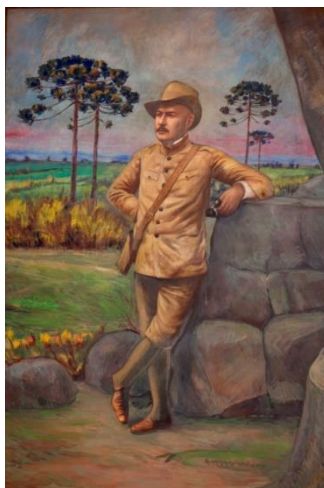
Ainda segundo a autora, estes “mitos de fundação” seguem subjacentes ao “pensamento provinciano” “e tem permanência ao longo do tempo um provincianismo cultural” (NAXARA, 2005: p. 351). A este respeito ela lembra do esforço dedicado a construção de uma identidade paulista, apoiada na figura do bandeirante, este por sua vez relacionado ao pioneirismo. O que podemos observar neste caso é que o “pensamento provinciano” extrapolaria a oposição cidade/campo, fazendo parte do tecido social paulista de maneira geral, ou pelo menos, assim percebido por aqueles que elaboraram e continuam elaborando uma “identidade paulista”.

Sendo assim não há como deixar de pensar no caso paranaense quando, personagens como David Carneiro e Romário Martins falavam, a propósito do “direito paranaense” ao território do Contestado, em “bandeirantes curitibanos”, “nossos maiores” e derivações. Em um livro publicado em 1920, Cleto da Silva escreveu:

*Todavia, devemos confessar que os politicos catharinenses jamais se esqueceram desse plano de conquista que lhes vinha roendo o cérebro, enquanto que os nossos homens descançavam mirados na visão de nossas passadas glorias. Com a politica imperialista e manhosa que bem souberam*

*os nossos adversarios manejar e que lhes foi um poderoso auxilio perante o Supremo Tribunal Federal, conseguiram arrancar sentenças injustas contra os nossos inilludiveis direitos. (SILVA, 1920: p. 43)*

As “passadas glórias” a que se referia Cleto da Silva não era outra coisa que a “ancestralidade” e “pioneirismo” sobre o território do Contestado. Se de um lado, segundo o autor, os catarinenses articularam politicamente e judicialmente sobre a Questão de Limites, aos paranaenses coube a crença neste “iniludível” direito, mas que no entanto não foi suficiente frente aos “acordos” catarinenses pelos meandros da política. “Descansaram” os paranaenses ou, em outras palavras, não teriam usado de outros recursos além do “direito conquistado” pelas ações dos antigos “bandeirantes curitibanos”.



**Figura 3: Autor Desconhecido. João Gualberto Gomes de Sá. s/d. Óleo sobre tela, 285 x 129 cm. Acervo: Museu Paranaense.**

Um quadro que já foi do extinto museu em questão e hoje faz parte do acervo do Museu Paranaense, representa o Cel. João Gualberto<sup>10</sup>. Ao primeiro olhar a pintura lembra apenas a guerra e o “herói”. Mas a Questão de Limites aparece como pano de fundo. O muro de taipas, comum em fazendas do Paraná e de Santa Catarina, aqui serve de limite entre os dois estados. É como se o artista quisesse dizer que a fronteira, o território, tivesse sido conquistado e demarcado não pela força de algum ato político mas, por desbravadores, os antigos “bandeirantes paranaenses” como queriam alguns. O “pioneiro” é que teria sido então o responsável por definir até onde iriam as terras paranaenses. E é este espaço que o personagem representado parece estar defendendo.

<sup>10</sup> O quadro não consta do Catálogo de 1940. Ainda não foi possível estabelecer a partir de quando a obra passou a fazer parte do Museu Cel. David Carneiro.

E na esteira do Positivismo e do inconformismo, nem os historiadores paranaenses escaparam ao olhar de David Carneiro. É o que podemos observar em sua “História da História do Paraná”. O título foi inspirado na obra que lhe serviu de referência, a “História da História” (1922), de James T. Shotwell (1874 – 1965).

A produção do livro fazia parte de um programa lançado pelo próprio autor por meio de circular do Centro de Letras do Paraná em 1951 para comemorar o centenário do estado (1953). Solicitava que “os intelectuais conterrâneos cooperem para o maior brilhantismo das festividades do centenário paranaense” (CARNEIRO, 1952: p. 102), produzindo monografias sobre as várias fazes da história local. David Carneiro se dedicou à “história da história” como “cooperação ativa” no programa e nas comemorações. As obras deveriam estar prontas em 1952 para publicação.

David Carneiro estabeleceu para a longa Questão de Limites com SC elevada importância para a historiografia paranaense na primeira metade do século XX. “Assim como o anseio de emancipação teria preparado a série de políticos eminentes que deu o Paraná durante o segundo reinado, o assunto do Contestado preparou o espírito dos historiadores para as pesquisas que realizaram e as obras que escreveram” (CARNEIRO, 1952: p. 208). Afirmou ainda que antes das análises de Shotwell bastava a ação dos personagens da história serem passíveis de repetição, de modelo, para que estes fossem considerados dignos de admiração. A partir daí, o parâmetro mudou, exigindo destes personagens históricos que tivessem agido de madeira a enfrentar e resolver os “grandes” desafios de seu tempo. Uma vez “chamados” deveriam tomar para si a responsabilidade de resolvê-los, de dar bom termo às suas obrigações (CARNEIRO, 1952: p. 85).

Para o autor não foi o que aconteceu com os historiadores paranaenses analisados. Exemplo foi João Francisco da Rocha Pombo (1857 – 1933), que em sua obra sobre a História do Brasil não “foi capaz” de mostrar a importância dos “bandeirantes curitibanos” em suas conquistas pelos campos do sul, ajudando a angariar os “espíritos” nacionais para a causa paranaense. E além do que, como historiador local, seria ele um “mediocre”, pois não “cumpru sua obrigação”. Mesmo Alfredo Romário Martins (1874 – 1948) e Ermelino Agostinho de Leão (1871 – 1932), elogiados por David Carneiro, não cumpriram com essa “obrigação” (CARNEIRO, 1952: p. 207-26).

Apenas para trazer um outro exemplo da mesma época, Brasil Pinheiro Machado (1907 – 1997), assim como Carl Friedrich Philipp von Martius (1794 – 1868) havia proposto no século XIX a respeito da história nacional, traçou os caminhos para se escrever a história regional. Sua “Sinopse da História Regional do Paraná” também estava relacionada às comemorações do centenário. Nela, Pinheiro Machado propôs 22 capítulos que englobavam desde os tempos da Colônia até a “diretriz política e administrativa” seguida após 1930. Sobre a Questão de Limites escreveu que esta “agitou largo período da época republicana no Paraná” e que merecia ser tratada em “capítulo especial”. “Donde: o capítulo décimo sexto da história do Paraná versará sobre as questões de limites interestaduais, especialmente a questão do Contestado. Suas origens, desenvolvimento, solução e consequências históricas” (MACHADO, 1951, p. 24). Note-se que o fio condutor era a longa pendência territorial. Presume-se, com esta proposta, que os embates armados entre caboclos e forças oficiais ocupariam lugar secundário nesta abordagem.

Por mais que autores locais se esforçassem em traçar um panorama geral do Movimento, lembrando dos problemas da terra, das desapropriações arbitrárias, do messianismo e das operações militares, a Questão de Limites os “assombrava” e, não raro, um grau de inconformismo permeava seus textos<sup>11</sup>.

Entre os anos de 1953 e 1988, período do qual estamos tratando, apenas o Museu Histórico da Polícia Militar do Paraná, criado em 10 de dezembro de 1949 por meio do Artigo 432, Decreto nº 9.060, e inaugurado em 29 de agosto de 1950 tinha acervo relevante sobre o tema. Da mesma forma como o museu David Carneiro, o museu da polícia também centrava o olhar no Cel. João Gualberto e no curto episódio do Irani. Se na historiografia local a pendência territorial foi o mote principal, nos raros acervos emergia uma fração da guerra, dedicada especialmente a um personagem. Podemos apontar as razões para tal semelhança de abordagem no viés militar das duas instituições, a tradição do culto ao herói, o fato de João Gualberto ter comandado o

---

<sup>11</sup> Alguns exemplos relevantes: SILVA, Cleto da. **Accordo Paraná-Santa Catharina, ou o Contestado diante das carabinas**. Curitiba: Emp. Graphica Paranaense, 1920; CARNEIRO, David. **Duas histórias em três vidas**: o Tiro Rio Branco através do seu patrono e do seu fundador. Curitiba: Universal, 1939; SOUZA, Fredericindo Marés de. **O presidente Carlos Cavalcanti e a revolta do Contestado**. Curitiba: Lítero-Técnica, 1987; MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, (1939) 1995.

Regimento de Segurança do Paraná (futura Polícia Militar) e de ter conhecido a família de David Carneiro.

Nas mais de três décadas a partir de 1953 o acervo foi sendo acrescido tanto no que se referia à Revolução quanto ao Contestado. Deste último, por exemplo, encontramos na catalogação que está sendo realizada atualmente pelo Museu Paranaense (com a denominação de “Eventos Históricos: Guerra do Contestado”), 18 documentos que não constavam do catálogo de 1940. Há ainda cartas referentes à Questão de Limites e a João Gualberto.

Em comparação ao Cerco da Lapa, o assunto do Contestado não chegou nunca a formar uma coleção consistente a ponto de se tornar referência sobre o tema. Se observarmos o acervo sem estes acréscimos de documentos e sem os objetos de culto à memória de João Gualberto e demais artefatos oficiais, veremos apenas “despojos de guerra” tirados dos redutos depois dos massacres. Tomemos como base o já mencionado Catálogo. Nele constavam tão somente duas bandeiras dos “fanáticos” e uma “Moldura em madeira toscamente esculpida, encontrada no reduto de Taquarussu, na Campanha do Contestado” (CATÁLOGO, 1940: p. 36 e 118).

Além das diferenças de tratamento já apontadas acima, podemos sugerir um outro motivo para a formação de um acervo tão reduzido. Em Santa Catarina o Movimento do Contestado foi tratado com muito mais ênfase. Tanto a produção historiográfica quanto o colecionismo sobre o tema ganharam mais espaço em terras do “rival” da Questão de Limites. Não seria fácil, mesmo com interessado empenho de David Carneiro, formar acervo respeitável. O próprio David Carneiro disse certa vez que para poder criar e continuar mantendo o museu “foi necessário que o Museu Paranaense não existisse. Existia, mas era em situação latente, não clara. Porque se ele existisse, eu não teria possibilidade de criar museu nenhum” (CORREIO DE NOTÍCIAS, 1988: p. 4). Em que pese a visão muito particular do personagem a respeito do Museu Paranaense fato é que, quanto maior o número de interessados no mesmo assunto e que estejam em condições de pesquisar e adquirir artefatos históricos, mais limitará o trabalho de alguns entusiastas do tema mas que possuam reduzidas condições financeiras e materiais para tal empreitada.

Uma última característica que queremos apontar aqui é sobre a relação do Estado com esta memória. Todos os nomes da tradicional historiografia local que

citamos (dentre outros), influenciaram as ações oficiais na celebração das memórias históricas consideradas importantes para o Paraná. Todos estes nomes, inclusive David Carneiro, participaram da construção de uma memória financiada ou tacitamente aceita pelas lideranças políticas do Estado. Se o museu sofreu com o descaso estadual e municipal a ponto de fechar as portas, isso não teve relação com divergências sobre tais memórias. Basta citar para isso o atual carro chefe do turismo na Lapa. O município tem na sua história relacionada ao Cerco o chamariz principal para a divulgação de seus atrativos. O município ainda é lembrado pelo Parque Estadual do Monge e pelo tropeirismo. No entanto as ações públicas dão maior visibilidade à jornada de quase um mês que teve como mérito maior salvar a “recém proclamada República brasileira”.

Em contrapartida, sobre o Contestado, não houve no período aqui abordado nenhum evento oficial relevante a respeito. Apenas o Museu Histórico da Polícia Militar deu algum destaque com publicações sobre o Irani e o Cel. João Gualberto. Entre 1986 (70 anos do fim do Movimento) e 1987 o museu publicou alguns boletins. E mesmo aí os militares apontaram pouco interesse do governo estadual a este respeito. Ficou externado o desejo de que um “panteão dos heróis” deveria ser erigido para os mortos no Irani. Reclamavam do “abandono” dos restos mortais que ficaram “esquecidos” em Santa Catarina. Achavam estes militares que os custos do mausoléu do Cel. Gualberto foram elevados e poderiam servir para construir também o desejado panteão (BOLETIM HISTÓRICO DA PMPR, 1987, p 28-9).

Deveu-se principalmente à persistência de seu idealizador a sobrevivência do museu que, apesar de todos os percalços e falta de apoio público, conseguiu se manter por mais de sessenta anos em atividade em Curitiba. Tornou-se junto com o Museu Paranaense referência museológica no estado. Contribuiu para construir e manter uma dada memória em torno da Revolução Federalista e do Cerco da Lapa. De maneira geral o museu não destoava da historiografia paranaense. Foi tanto influência como receptor de um pensamento voltado para a história local, jogando luz sobre alguns fatos e eclipsando outros. Influência que deve ser pensada juntamente com toda a obra intelectual de David Carneiro. O museu foi apenas parte da contribuição deste historiador na memória histórica do Paraná. A participação do museu na construção da memória do Cerco da Lapa, por exemplo, só pode ser pensada se atrelada a todo o

trabalho de pesquisa de seu idealizador. Ou seja, tanto quanto os “heróis” da Lapa, o próprio museu deve parte de sua importância ao nome de seu fundador e mantenedor.

**Fontes:**

Acervos do Museu Histórico da Lapa, Museu Paranaense e Museu Histórico da Polícia Militar do Paraná.

CARNEIRO, David. **Dois histórias em três vidas**: o Tiro Rio Branco através do seu patrono e do seu fundador. Curitiba: Universal, 1939.

CARNEIRO, David. **A história da História do Paraná**: edição comemorativa do 1º centenário da Província e da inauguração da Sede do Centro de Letras do Paraná. Curitiba: Escola Técnica de Curitiba, 1952.

CARNEIRO, David. **História psicológica do Paraná**. Curitiba: João Haupt & Cia, 1944.

**Boletim Histórico da PMPR**. Museu Histórico da Polícia Militar do Paraná. Out/1986 a fev/1987.

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, (1939) 1995.

MUSEU DAVID CARNEIRO. **Catálogo Museu Coronel David Carneiro**: Curitiba - Paraná. Rio de Janeiro: Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Ministério da Educação e Saúde), 1940.

PASTA MUSEU HISTÓRICO DAVID CARNEIRO (jornais). Biblioteca Pública do Paraná, Documentação Paranaense.

SILVA, Cleto da. **Accordo Paraná-Santa Catharina, ou o Contestado diante das carabinas**. Curitiba: Emp. Graphica Paranaense, 1920.

SOUZA, Fredericindo Marés de. **O presidente Carlos Cavalcanti e a revolta do Contestado**. Curitiba: Lítero-Técnica, 1987.

**Bibliografia**

MACHADO, Daiane Vaiz. **O percurso intelectual de uma personalidade curitibana: David Carneiro**. 2012. Dissertação (Mestrado em História). UFPR.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Orgs.). **Museus**: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna. 2. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013, pp. 15-88.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. O (des)conhecimento do outro: pensando o “provinciano”. In: MARSON, Izabel; NAXARA, Márcia (org). **Sobre a humilhação: sentimentos, gestos, palavras**. Uberlândia: EDUFU, 2005, pp. 349-364.